

Tecnologia na manipulação da ação política

Tamara Tania Cohen Egler

Prof. Titular IPPUR/UFRJ

Pesquisador CNPq

Coordenador do INCT Política Pública, Inovação e desenvolvimento urbano

RESUMO GERAL

O ponto de partida da sessão livre aqui proposta está associado aos efeitos das Tecnologias da Informação e Comunicação -TICs na crise do Brasil, foi possível observar uma estratégia de comunicação social apoiada nas redes sociais, quando a partir de um discurso mentiroso e por manipulação de sentidos foi possível formar uma subjetividade coletiva desconectada da realidade. Estamos diante de um contexto histórico em que as TICs permitem a formação de redes sociais, e ampliam as possibilidades de comunicação pela velocidade conectividade e acessibilidade as mensagens, quando elas intervêm de forma decisiva no sistema de comunicação social ocupam lugar importante frente aos meios tradicionais e produzem uma ação política nunca antes imaginada.

A questão que se propõem está fortemente associada à participação das TICs quando foi possível observar importante papel na disseminação de um discurso de destruição do campo progressista no Brasil. Seus resultados são nossos fatos conhecidos, impeachment da presidente Dilma Rousseff; julgamento, condenação e aprisionamento do ex-presidente Luís Ignácio Lula da Silva; e eleição de um presidente do campo de ultra direita com suas formas de pensar, fazer e ser avessas ao exercício da democracia.

Para fazer avançar o debate é preciso considerar a mutação na relação espaço-tempo; definição de processos aespaciais e atemporais, interações entre vital e virtual, inovação nos sistemas de

comunicação, novas relações entre o local e o global. O que exige uma estratégia política de alta complexidade, que reconheça o lugar das tecnologias no exercício da política. Trata-se de observar e analisar como a informação e comunicação de base tecnológica permite a formação de banco de dados, ferramentas tecnológicas e redes sociotécnicas, que transformam o modo de fazer política.

São bem conhecidos os fatos em que os principais meios de comunicação das grandes empresas como a rede Globo, o Estado de São Paulo, as revistas Veja e Isto é passaram os últimos anos divulgando notícias contra o campo progressista, particularmente destruindo o partido dos trabalhadores e de suas principais lideranças, como os ex-presidentes Luiz Ignácio Lula da Silva e Dilma Rousseff . Mas recentemente foi possível observar uma divulgação maciça de *Fake News* pelo Whatsapp e Facebook, de criminalização do campo progressista e seus candidatos, destituídas de referente no acontecimento da vida e da política. Com Bourdieu aprendemos como os discursos veiculados pelas redes sociais são estruturas simbólicas, e como elas estruturam a ação política.

Para compreender essa complexidade, é nosso objetivo ler e analisar as seguintes variáveis, a primeira está associada as tecnologias do Whats App e Facebook propriamente dita que permite encaminhar milhões de mensagens ao mesmo tempo, a segunda está associada aos significados das mensagens, quando foi possível ler um discurso associado a significados, destituídos de referências concretas. Podemos perceber que são dois processos, o primeiro está associada a metodologia conhecida por Ocean, associada à fragmentação das mensagens , quando foram roubados os dados de 80 milhões de usuários do Facebook. O que permitiu desenhar 30 perfis pessoas, representando o essencial da subjetividade coletiva. A partir dessa organização de grupos sensitivos e moralistas, foi possível fazer o direcionamento de mensagens. Para cada grupo uma mensagem capaz de produzir uma identidade. Como por exemplo quem quer pegar em armas, quem não gosta de negros, quem é machista, que é amável, quem é neurótico, religioso e outras tantas possibilidades associadas aos coletivos assim formados. Por outras palavras se produz uma estrutura simbólica que estrutura uma forma de ação política. Essa é a questão que mobiliza nossa reflexão, quando somos obrigados a admitir que a sociedade em que vivemos percebe o mundo pelas suas representações simbólicas, enquanto os fatos concretos são esquecidos e ignorados.

A segunda variável está na tecnologia do Whats App capaz de encaminhar milhões de imagens ao mesmo tempo. Mais do que isso pode ser executada por outros alheios ao candidato Bolsonaro. E foi o

que aconteceu, essa estratégia de comunicação foi possível, por ter se delegado a empresários, a responsabilidade da emissão das mensagens, e do seu pagamento. Quer dizer foram os empresários que assumiram os custos de campanha, manipulando inclusive a legislação eleitoral.

O lugar da mídia na formação de uma subjetividade coletiva é bem conhecido, são muitas as ações, lembramos como a mídia tradicional dita a agenda nacional, valoriza e desvaloriza acontecimentos de mercado, políticos e culturais, basta lembrar o impeachment do presidente Collor ou a como a rede globo apoiou a realização das Olimpíadas no Rio de Janeiro. O que há de novo é que por ocasião do golpe na democracia foi possível observar uma ação política invisível, de manipulação dos sentidos, por mediação de ferramentas tecnológicas e produção de um discurso mentiroso.

Na atualidade da crise política no Brasil, podemos citar a importante participação das plataformas Facebook e Whats App, por suas potencialidades capazes de formar redes sociais, quando foi possível ver e ler a difusão de informações sobre os fatos políticos da crise, que superou tradicionais meios de comunicação como a rede Globo, a editora Abril, entre outras. Quando o uso de motores, substituíram pessoas e representaram perfis que não existem, a difusão maciça de mensagens em benefício de determinados candidatos, e a participação de agências internacionais de informática, como a Cambridge Analytica.

Esses fatos suscitam nossa interrogação, é nosso objetivo fazer avançar esse debate, para examinar:

De que forma as TICs manipulam a política na recente crise do Brasil?

Como são as redes sociais que participam da dominação global?

Qual é o lugar das Fake News na formação de uma subjetividade coletiva?

Quais são os grupos sociais que receberam as mensagens?

De que forma podemos observar essa estratégia está associada a outros acontecimentos políticos no mundo?

De que forma os interesses dos atores globais estão associados a crise política no Brasil?

Quais são as redes de resistência que podem se antepor ao exercício da dominação autoritária?

Como a crise política produz uma crise no espaço?

Essa condição de comunicação possibilita formas alternativas de existência das corporações globais instituições governamentais, empresas, partidos políticos organizações sociais, redes sociais , mídias, movimentos sociais. E como elas passam a agir na transversalidade e escalaridade das esferas. Ou, mais simplesmente, como se torna possível integrar e formar nova totalidade pela mediação de tecnologias de informação e comunicação -TICs atores de diferentes esferas e escalas. Nosso objetivo é renovar, rever, repensar a ação política resultante da inclusão de TICS, para examinar os seus resultados na política e sobre as condições de existência social no espaço urbano.

Esse é o produto de nossa certeza, em que os processos espaciais na atualidade estão profundamente associados às TICs , sendo que o mesmo resulta da invenção de um espaço que articula o local com o global, vital com virtual, material com imaterial, sociedade civil com sociedade política , política e economia e produz um espaço de alta complexidade o que exige nova interdisciplinaridade que inclua a tecnologia na análise no sentido de reconhecer as marcas da crise na política e no espaço.

Palestra 1

A rede do golpe no Brasil

Tamara Tania Cohen Egler IPPUR/UFRJ

Tem por objetivo analisar o golpe contra a democracia do Brasil. A hipótese está associada à análise que considera novas institucionalidades políticas em redes sociotécnicas que transformam os modos da ação política, do discurso mediático e da acumulação de capital para alcançar o desígnio de analisar os efeitos da tecnologia sobre as relações de poder. Ela faz a mediação entre os atores que associam diferentes instâncias governamentais – Executivo, o Legislativo e o Judiciário – a corporações nacionais e internacionais, mídias hegemônicas e contra-hegemônicas, movimentos sociais, redes sociais. Fere os princípios da nossa Constituição, impondo um poder político que reúne os atores enredados no golpe, em defesa de seus interesses privados e da destruição dos públicos. Para fazer a análise da rede de atores do golpe no Brasil, a pesquisa foca em dois fatos/etapas importantes: o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e o julgamento/condenação do ex-presidente Luiz Ignácio Lula da Silva. A

metodologia usada no primeiro passo representa os gráficos das diferentes funções e identifica os atores associados à rede, na qual se associam atores dos campos político, econômico e cultural.

Palestra 2

Um fantasma assoma a cidade

Reginaldo Luiz Cardoso

Em 1964, Giulio Carlo Argan escreveu o ensaio “Projeto e Destino” que instantaneamente tornou-se um clássico. O que faz uma obra ser considerada um clássico? O reconhecimento público de atributos de persistência. São eles: um acesso privilegiado para a compreensão da época histórica em que viveu; manter sua obra uma atualidade que instiga a sua constante releitura e ter um autor concebido, na sua obra, categorias de que nos valem para apreender a realidade, embora esta não seja mais a mesma que levou à sua inicial elaboração e aplicação.

Concomitante a isso surge um tributo de recorrência, não no sentido de repetição, mas no de reaparecimento. Auxiliemo-nos dos três mestres do suspense: Marx nos diz que a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa. Freud nos diz que aquilo que esquecemos se repete. E, por fim, Nietzsche, nos diz que não há fatos, mas somente interpretações. Isto é, seja qual for a noção que tenhamos de verdade ela é construída.

Podemos perceber que o passado nos fala constantemente reaparecendo. Ora, o que some e reaparece é, por definição, um fantasma. Se olharmos para a tonitruante conjuntura política brasileira, estamos a lidar com um fantasma. Falemos claro: Bolsonaro e tudo o que ele representa é um fantasma perverso, que para obter o seu gozo tem que submeter o corpo do outro o tempo inteiro, continuamente. Para Argan, no texto citado, “não se projeta nunca *para*, mas sempre *contra* alguém ou alguma coisa”. Esse desafio que nos afirma o clássico é o objeto de nossa discussão.

PALESTRA 3

Da rua às mídias sociais: espaços de construção de uma hegemonia liberal conservadora

Lalita Kraus _ GPDES /IPPUR/UFRJ

RESUMO

O trabalho investiga a dinâmica relacional e afinidade ideológica dos movimentos sociais de direita que protagonizaram as manifestações de 2015. O ponto de partida é o reconhecimento da ação social e o uso das mídias sociais como espaço de significação da vida política e social, capaz de influenciar a opinião pública em prol de determinados projetos políticos. O objetivo é identificar os atores que se articulam e mobilizam entorno de um discurso comum, buscando revelar suas principais fontes discursivas. Isto permite desvendar um processo de territorialização do espaço midiático na internet, a partir de determinadas relações de poder. Do ponto de vista metodológico, a análise de redes sociais no Facebook permite identificar a rede de atores que apresentam uma afinidade ideológica e discursiva, destacando os mais populares e influentes em termos discursivos. A pesquisa revela que os movimentos da direita brasileira, ligados sobretudo ao Movimento Brasil Livre, atuam como produtores simbólicos e intelectuais orgânicos de redes liberais e conservadoras fortemente ligadas ao Estados Unidos.

PALESTRA 4

Políticas Públicas de Cultura e Ação em Rede

Elis Miranda _ Pós - graduação em Planejamento Urbano e Regional, UFF – Campus de Goitacazes

A gestão pública de cultura no Brasil passa por mais uma crise com o anuncio da fusão do Ministério da Cultura com Educação, Esporte e Turismo. Esta não é a primeira vez que o Ministério da Cultura é atacado por forças retrógradas que assume o poder no Estado brasileiro. Em contraposição aos ataques às instituições, vimos o crescimento de organizações de grupos de

pesquisa, grupos de artistas e de coletivos artísticos-culturais, coletivos de ativistas em defesa do direito à Cultura como princípio básico dos indivíduos, dos grupos sociais com especial. A defesa pelos direitos culturais se faz a partir das ações dos coletivos em espaços públicos ou em casas de artistas, bem como organizam redes de pesquisadores em centros universitários regionais e estes conectados a redes nacionais e a redes internacionais. A integração das redes de artistas, produtores, pesquisadores tem criado ações em defesa da manutenção das instituições, ações de criação de espaços universitários de Cultura e em ações nas ruas a fim demarcar a cultura como forma de existência. Apresentaremos nesta sessão as experiências dos coletivos artísticos e culturais que atuam em Campos dos Goytacazes e Belém e as redes de pesquisadores em que esses coletivos encontram-se conectados.

Palestra 5

"Goebbels 2.0 na era do desiluminismo digital: uma investigação do que leva as pessoas a acharem absurdos"

Daniel Negreiros Conceição- GPDES/IPPUR/UFRJ

O Brexit e as eleições de Donald Trump nos EUA e de Jair Bolsonaro no Brasil são os mais fantásticos exemplos da eficácia de um novo modelo de manipulação das opiniões das pessoas. Neste modelo, dados da navegação em mídias sociais das pessoas são usados para traçar os seus perfis de vulnerabilidades cognitivas (preferências, preconceitos, medos, etc.). A partir destes perfis, informações e desinformações são cuidadosamente ajustadas de modo a maximizar a credulidade de quem as recebe com o intuito de influenciar seus comportamentos de forma conveniente aos engenheiros de opinião. No entanto, a nova engenharia de opiniões representa apenas o uso oportunista do que parece ser um processo deletério natural em sistemas sociais em que o uso das mídias sociais digitais seja prevalente. Ironicamente, foi justamente o avanço tecnológico que permitiu a rápida disseminação do conhecimento humano que criou as condições para uma era de desiluminismo em que cada vez mais pessoas rejeitam a ciência e abraçam crenças absurdas. O objetivo do estudo proposto é investigar o processo de supressão da ciência e da reflexão inteligente que tomou as sociedades usuárias das mídias sociais digitais e a maneira

como engenheiros de opiniões oportunistas se aproveitam deste processo. Turbinada por redes sociais, desconfiança dos modos de aferição da verdade que embasam o método científico abre espaço para que crenças e valores tomem o lugar da objetividade; autoras propõem novos meios para enfrentar esse fenômeno.